



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

MARIA VITÓRIA DOS SANTOS SILVA

**O TURISMO GEOEDUCACIONAL COMO ABORDAGEM DIDÁTICA PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB**

Guarabira/PB

2024

MARIA VITÓRIA DOS SANTOS SILVA

O TURISMO GEOEDUCACIONAL COMO ABORDAGEM DIDÁTICA PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado no Curso de Licenciatura Plena em
Geografia, como requisito pela conclusão do
curso, na Universidade Estadual da Paraíba –
Campus III, orientado pela professora Dra.
Angélica Mara de Lima Dias.

Área de Concentração: Geografia, Educação e
Cidadania.

Guarabira/PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t dos Santos Silva, Maria Vitória.
O turismo geoeducacional como abordagem didática para o ensino de geografia no município de Sapé- PB [manuscrito] / Maria Vitória dos Santos Silva. - 2024.
33 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia - CH".

1. Geografia escolar; Turismo Geoeducacional; Metodologias de ensino.. 2. Turismo Geoeducacional;. 3. Metodologias de ensino.. I. Título

21. ed. CDD 910

MARIA VITORIA DOS SANTOS SILVA

O TURISMO GEOEDUCACIONAL COMO ABORDAGEM DIDÁTICA PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ- PB

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Geografia

Aprovada em: 19/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rafael Pereira da Silva** (***.142.424-**), em 29/11/2024 22:18:55 com chave 112c43bcaeb911efa9c91a7cc27eb1f9.
- **Angélica Mara de Lima Dias** (***.203.544-**), em 29/11/2024 21:14:24 com chave 0dd3cc98aeb011efb72b2618257239a1.
- **Rômulo Luiz Silva Panta** (***.502.324-**), em 02/12/2024 22:07:59 com chave 0986fc22b11311efb32c1a1c3150b54b.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 02/12/2024

Código de Autenticação: bf9dc4



Dedico esse trabalho aos meus avós, aos meus pais e meus irmãos que sempre sonharam em me ver formada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente queria agradecer a Deus, por nunca ter me desamparado nessa grande jornada e nem uma outra ao qual tenho trilhado caminho e a nossa Senhora Aparecida que intercedeu por mim, incansavelmente durante esses 4 anos.

Segundamente gostaria de agradecer a mim mesma, por nunca ter desistido e ter abraçado tudo que me trouxe até aqui com muita garra e força de vontade, dando sempre o melhor de mim, mesmo quando estava no meu pior momento.

Não poderia deixar de agradecer aos meus pais que mesmo sem compreender a vida acadêmica e fazendo diversos questionamentos sobre ela, me impulsionaram a continuar e lutar por uma educação melhor, que nunca desistiram dos meus sonhos e sonharam comigo todos os dias, que acordavam cedo para poder me dá oportunidade de estudar e de realizar os meus maiores sonhos.

Aos meus avós paternos que sempre tiveram o sonho de me ver formada e que não tiveram tempo de presenciar esse momento, aos meus avós maternos que me esperaram todo santo dia na frente de casa quando chegava tarde da noite em casa cansada de ter passado o dia na universidade e que sempre encheram a boca pra falar com orgulho e felicidade da sua primeira neta.

A Professora Angélica Mara de Lima Dias que foi a primeira pessoa a me estender a mão e ajudar a trilhar o meu caminho acadêmico dentro e fora da instituição, junto ao grupo LABORGEO, se tornando mais que uma professora, uma amiga e uma grande inspiração.

A minha amigona Rawanny que esteve do meu lado durante esses 4 anos, sendo minha fiel escudeira e uma companheira sem igual, nas risadas no ônibus ou pelos corredores da UEPB, nas tristezas e dificuldades da vida, nas atividades e nas resenhas da vida, me incentivando constantemente a não desistir, sua amizade e lealdade foram de suma importância para que eu chegasse até aqui.

As minhas colegas Thalita e Vitória Dias, por terem me acolhido não só na LABORGEO, mas na sua turma e em suas vidas e por ter me feito rir da vida. A Rayanne Gabrielly por ter me ouvido, ter me confortado e me incentivado a continuar, que é a pessoa que mais sente orgulho do meu ingresso na licenciatura desde o primeiro momento que soube, nunca vou esquecer a forma que me apresenta para todos com tanto orgulho. Se conseguir chegar até aqui, foi também graça ao seu incentivo, cuidado e afeto.

RESUMO

A Geografia enquanto disciplina escolar é importante na formação cidadã por contribuir com o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o espaço produzido pela sociedade. Neste sentido, este trabalho explora o Turismo Geoeducativo como uma metodologia didática para o ensino de Geografia no município de Sapé-PB, buscando fortalecer a relação dos estudantes com o patrimônio cultural, histórico e geográfico do lugar. Combinando teoria e prática, a proposta inclui atividades de campo em locais de relevância geográfica, histórica e cultural, como Memorial das Ligas Camponesas e o Memorial Augusto dos Anjos. Como procedimentos metodológicos realizamos inicialmente um levantamento bibliográfico voltado ao ensino de Geografia na educação básica, o trabalho de campo e a modalidade do Turismo Geoeducativo. Posteriormente foram realizadas pesquisas exploratórias no município supracitado para identificar locais em potencial para o desenvolvimento do Turismo Geoeducativo. Os resultados mostram que o Turismo Geoeducativo se apresenta como uma estratégia para tornar o ensino de Geografia mais significativo, promovendo a valorização do território e a formação de uma identidade cidadã.

Palavras Chaves: Geografia escolar; Turismo Geoeducacional; Metodologias de ensino.

ABSTRACT

Geography as a school subject is important in citizenship training as it contributes to the development of critical thinking about the space produced by society. In this sense, this work explores Geoeducational Tourism as a didactic methodology for teaching Geography in the municipality of Sapé-PB, seeking to strengthen students' relationship with the cultural, historical and geographic heritage of the place. Combining theory and practice, the proposal includes field activities in places of geographic, historical and cultural relevance, such as Memorial das Ligas Camponesas and Memorial Augusto dos Anjos. As methodological procedures, we initially carried out a bibliographical survey focused on the teaching of Geography in basic education, fieldwork and the form of Geoeducational Tourism. Exploratory research was subsequently carried out in the aforementioned municipality to identify potential locations for the development of Geoeducational Tourism. The results show that Geoeducational Tourism presents itself as a strategy to make Geography teaching more meaningful, promoting the appreciation of the territory and the formation of a citizen identity.

Keywords: School geography; Geoeducational Tourism; Teaching methodologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Casarão Coronel Gentil Lins – Sapé/PB	8
Figura 2 – RPPN Fazenda Pacatuba – Sapé/PB	8
Figura 3 – Engenho Boa Vista – Sapé/PB	8
Figura 4 – Pavilhão Central antes e pós-reforma	14
Figura 5 – Exposição de relatos importantes da cidade	14
Figura 6 – Linha do tempo	15
Figura 7 – Memorial das Ligas e Lutas Camponesas em Sapé - PB	18
Figura 8 – Interior do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas	19
Figura 9 – Expositor de Parede	20
Figura 10 – Exposição do Vídeo	20
Figura 11 – Memorial Augusto dos Anjos	21
Figura 12 – Apresentação do Guia sobre Augusto dos Anjos	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1 A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS DE CAMPO NA GEOGRAFIA	7
2.2 RELEVÂNCIA DO TURISMO GEOEDUCACIONAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES	12
3. PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO DO TURISMO GEOEDUCATIVO EM AMBIENTE ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB	13
3.1 PROMOVENDO A CONEXÃO ENTRE ALUNOS E TERRITÓRIO	13
3.2 EXPERIÊNCIA DE TURISMO GEOEDUCATIVO EM SAPÉ-PB	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23

1. INTRODUÇÃO

O município de Sapé-PB está localizado na Zona da Mata e na região geográfica de João Pessoa ficando a cerca de 55km da capital Paraibana e tem uma área territorial de 316 km², com regiões geográficas de 7°05'57" de latitude sul e 35°14'22" de longitude oeste. Ele possui cerca de 60 escolas, sendo 54 de Ensino Fundamental e 06 de Ensino Médio e isso segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021).

Essas escolas, por muitas vezes, não exploram o potencial turístico da sua própria região, deixando-o escanteado e esquecido pela sua própria população. Sapé, que já foi conhecida pela Festa do Abacaxi, terra de Augusto dos Anjos e das Ligas Camponesas, também possui potencialidades ambientais como a Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Pacatuba; Casarões históricos; Engenhos como o Pau d'Arco, Boa vista e Preciosa do Vale, além da Usina Santa Helena, como mostram as figuras a seguir:

Figura 1 – Casarão Coronel Gentil Lins – Sapé/PB



Figura 2 – RPPN Fazenda Pacatuba – Sapé/PB



Figura 3 – Engenho Boa Vista – Sapé/PB



Fonte: Paraíba do Passado (2024).

Diante deste cenário, por que não utilizar esses locais para aproximar os próprios alunos sapeenses de sua história e de sua cultura de uma forma mais didática trazendo o campo com

um intuito de propiciá-los a interação com o meio, seja ele social ou natural? Assim, para que as aulas se tornem mais dinâmicas e proveitosas, é interessante que sejam utilizadas formas de romper com o tradicionalismo no ensino, a exemplo das aulas extrassala, que fazem as discentes paisagens locais e suas nuances a fim de promover a formação de sujeitos conscientes e com pensamento crítico.

Entre as atividades extrassala, destacamos aqui o Turismo Geoeducativo ou Turismo Geoeducacional (TG). De acordo com Lima (2023), essa forma de Turismo não está ligada propriamente a uma função econômica ou de propiciar viagens de lazer, aventura, sol/praias e entretenimento, pois é realizado com fins educativos, práticos e técnicos do estudo geográfico. Para Oliveira (2014 *apud* Fernandes *et. al.* 2020, p. 4):

O Turismo Geoeducativo trata de viagens e aulas externas com foco aos estudos do meio, bem como entender elementos, perceber o lugar e desenvolver a análise técnica das informações naturais e/ou patrimoniais. Através disso podemos rematerializar a cultura na comunicação, para que possamos compreender os símbolos do imaginário geográfico, sejam eles locais ou regionais, formando focos transdisciplinares capazes de encenar paradigmas institucionais.

Este trabalho visa explorar o potencial do TG como uma metodologia para o ensino de Geografia no município de Sapé-PB, desenvolvendo nos estudantes a educação patrimonial, a partir dos aspectos culturais, históricos e ambientais do local. Pensando nisso, estão elencados os seguintes objetivos específicos: Identificar os principais pontos turísticos e históricos de Sapé que podem ser utilizados em atividades de TG; Propor atividades e roteiros que utilizam o TG para estimular o interesse dos alunos pela Geografia local; Avaliar o potencial do TG como estratégia metodológica para o desenvolvimento da consciência cidadã dos estudantes.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de tornar o ensino de Geografia mais atrativo e contextualizado para os estudantes, unindo, assim, o saber acadêmico à experiência prática e incentivando a apreciação do patrimônio local. A opção pelo TG se baseia na sua habilidade de conectar teoria e prática, permitindo uma educação que vai além do ambiente escolar e estimula os estudantes a se tornarem agentes de conservação cultural e ambiental.

Para a obtenção de informações, foram empregados métodos de observação direta, anotações de campo e grupos focais com estudantes e docentes envolvidos. Essas ações são registradas para posterior avaliação, permitindo uma reflexão conjunta sobre o efeito do TG no processo de aprendizagem e no aprimoramento da consciência crítica dos alunos. Assim, a metodologia participativa permite a criação de conhecimento que combina a vivência pessoal dos estudantes com o conhecimento transferido em sala de aula, promovendo uma educação geográfica mais engajada.

Nesse contexto, o TG pode ser um recurso de aprendizagem para ser trabalhado em sala como forma de aproximar os alunos da sua realidade cultural e ligar os conteúdos trabalhados durante sua vida acadêmica. E essa aproximação, de acordo com Assis e Oliveira (2009, p. 204), proporciona a construção de “[...] uma relação sociedade-ambiente entre alunos e professores, com comunidades escolares de diferentes potenciais para visitas e dispostas a interagirem nas atividades de campo, assume ser o compromisso do Turismo Geoeducativo”.

As principais características do Turismo de Educação Geográfica concentram-se principalmente na exploração de aspectos geográficos como Topografia, Ecossistemas, Recursos naturais e Características físicas do meio ambiente. Ademais, também visa integrar elementos educacionais ao roteiro de viagem, incluindo palestras, atividades práticas e informações sobre história, cultura, ecologia do destino etc. A aprendizagem ocorre principalmente através da experiência prática. Os participantes não apenas absorvem informações, mas também interagem diretamente com o ambiente, promovendo uma compreensão mais profunda. Assim como afirma Serafim (2020, p. 60):

Mais do que aprender a desenhar mapas, o aluno precisa aprender a ler a paisagem, a fim de orientar-se, localizar-se, perceber as distâncias e compreender o espaço. Sendo assim, o discurso geográfico tende a ganhar um significado, ou seja, a concretização da educação geográfica, assim como ocorre com as demais áreas do conhecimento escolar.

O objetivo do TG não é apenas fornecer informações, mas também aumentar a consciência e o respeito pelo meio ambiente e pela cultura local. As atividades planejadas podem incluir trilhas interpretativas, visitas a locais históricos, exploração de ecossistemas e outras experiências geograficamente enriquecedoras e, além do aprendizado em sala, o TG também busca promover o desenvolvimento pessoal dos participantes, aprimorando habilidades como trabalho em equipe, pensamento crítico e sensibilidade cultural.

O ensino de Geografia desempenha um papel crucial na educação dos alunos, uma vez que estabelece uma ligação entre o saber e a realidade circundante, auxiliando-os a compreender melhor o ambiente em que residem e os processos que o constituem. Nesta metodologia de ensino, os alunos participam de um aprendizado integrado, onde Geografia, História e Ciências Ambientais se unem para promover uma consciência cívica que destaca a importância do espaço físico e das interações naturais e sociais ao redor dele. Numa época em que a globalização pode distanciar as pessoas de suas origens, iniciativas como o TG são fundamentais para preservar a identidade cultural e natural de cada região, estimulando o envolvimento e a valorização da história e do meio ambiente.

Portanto, visando fortalecer a ligação dos estudantes com o local onde residem, o TG é aqui apresentado como um recurso para expandir o aprendizado geográfico e fomentar uma

educação mais humana, que considera a realidade dos estudantes e os motiva ao envolvimento com a conservação de seu patrimônio cultural e ambiental, auxiliando na construção de uma formação cidadã que possa se estender por toda a vida.

Para melhor compreensão da leitura, este trabalho se organiza em 5 (cinco) partes, para além desta introdução. Na segunda parte, apresentamos o referencial teórico, abordando a importância das atividades de campo no ensino de Geografia e o conceito de Turismo Geoescolar. A terceira parte detalha a proposta de integração do TG no ambiente escolar de Sapé - PB, com a apresentação de atividades e roteiros sugeridos. Na quarta, apresentamos os resultados e, a seguir, as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS DE CAMPO NA GEOGRAFIA

O campo tem sido uma prática indispensável na Geografia desde sua ascendência. Nos séculos XVII e XIX, expedições de naturalistas como Charles Darwis e Alexander Von Humboldt foram primordiais para formação de um olhar mais metódico sobre o mundo natural. Esses pioneiros não só relataram e registraram a flora, a paisagem e a fauna, mas também iniciaram a compreensão do vínculo entre os seres humanos e o ambiente físico (Humboldt, 1995).

Em suas viagens pela América do Sul, Humboldt foi um dos exploradores a propor uma visão da natureza, aproximando fenômenos como chuva, relevo e vegetações a tarefas humanas. Ele percebia a natureza como um sistema interligado, o que teve um impacto significativo no progresso da Geografia como uma ciência mais abrangente, focada na interpretação do ambiente em diversas escalas (Martin, 1972). Essa ênfase na pesquisa de campo foi crucial para a organização do saber geográfico e representou o começo de uma perspectiva mais científica na análise das paisagens e das sociedades.

A Geografia alterou suas bases científicas durante o final do século XIX e início do século XX. A predominância ocorreu na França e foi amplamente atribuída a Paul Vidal de La Blache. Em sua opinião, o ambiente geográfico imediato exigia uma observação real para ver como o espaço era construído por humanos e usado. Vidal de La Blache (2003) insistiu que a pesquisa, a partir do conceito de "gênero da vida", é descrita como uma pessoa que ajusta suas ações para se encaixar na situação ao seu redor por uma investigação empírica feita no local.

A coleta de dados era o principal alvo da metodologia de trabalho de campo da escola francesa e esses dados eram coletados de diversos ambientes para formular teorias baseadas nesses fenômenos obtidos diretamente da natureza. A Geografia francesa definiu o método

indutivo como fundamental: os geógrafos deveriam viajar para o campo, analisar as paisagens, as atividades econômicas e sociais e, com base nessas observações, elaborar teorias sobre a estrutura espacial. Este procedimento reforçou a relevância do trabalho de campo como instrumento crucial tanto na investigação quanto na dinâmica geográfica (Claval, 1998).

Ao longo do tempo, o conhecimento do campo foi adicionado também como proposta educativa no ensino de Geografia. No começo do século XX, as viagens escolares tornaram-se um componente essencial do currículo, principalmente nas escolas francesas e de outras nações europeias, motivadas pelos progressos da Geografia acadêmica. O conceito era simples: transportar os alunos para fora da sala de aula, possibilitando uma interação direta com as paisagens, as formas de relevo, os cursos de água, as cidades e as maneiras de ocupação do território (Fiorin, 2006).

Na prática, essas expedições promoviam análise de tudo que era debatido em sala de aula. Elas proporcionavam aos alunos a chance de observar fenômenos e processos geográficos na realidade, unindo teoria e prática de maneira eficaz. Este método de ensino se propagou e, ainda hoje, as excursões são empregadas como recurso didático para fomentar um aprendizado ativo e contextualizado de Geografia.

A importância destas práticas foi destaque nas edições do *Boletim Paulista de Geografia* nº 84 (2006) e nº 91 (2011), que destacam a relevância do trabalho de campo na formação de geógrafos e na formação do saber geográfico. Essa metodologia vai além de uma mera observação empírica, constituindo-se como um meio de experimentar diretamente a realidade geográfica, possibilitando ao investigador interagir com o ambiente natural e social. Ao investigar ambientes além da sala de aula, o geógrafo adquire um entendimento mais aprofundado de processos que frequentemente não são compreendidos pelas teorias. Este método expande a compreensão do conceito de espaço, percebido como uma totalidade onde elementos naturais e humanos estão intrinsecamente ligados.

Além disso, como destacado nas edições supracitadas do *Boletim Paulista de Geografia* (BPG), a atividade de campo é crucial para a implementação da prática das teorias e para a observação direta do espaço. Essa prática aprimora a educação de estudantes e pesquisadores de Geografia, ao ampliar sua compreensão sobre as dinâmicas territoriais e ao fomentar uma perspectiva crítica dos processos naturais e sociais. A pesquisa de campo, ao propor questões e reflexões sobre o espaço, é crucial para examinar as interações e contradições entre o meio ambiente e as ações humanas, auxiliando na melhoria do discurso acadêmico sobre a formação e mudança das paisagens.

Em poucas palavras, as excursões escolares/aulas de campo constituem muito mais do que a realização de excursões/aula de campo; é um dispositivo para transformar o processo de

ensino e aprendizagem em uma experiência vicária e multidimensional. Essa prática ajuda não apenas a adicionar informações suplementares ao que é aprendido em sala de aula pelos alunos, mas também promove a habilidades sociais e emocionais e coesão em diferentes áreas de estudo.

Para Oliveira e Souza (2009), a aula em campo é uma atividade extrassala/extra escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende a elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido. E ainda temos a certeza de que essa aula não gera apenas isso. Eis alguns descaminhos antigos, difíceis, mas que podem ser corrigidos. Instiga a aula em campo, antes de tudo, compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas *in loco*. Para esse fim:

A aula de [em] campo deve vir a complementar os conteúdos tratados em sala de aula, motiva ela o aprendizado, aprofundando o interesse pela pesquisa e favorecendo maior relacionamento entre alunos, entre alunos e professores, entre a escola e a realidade em estudo. Além disso, propicia avaliar a participação do aluno na leitura da realidade desenvolvendo o senso crítico, atitudes de responsabilidades e consciência do mundo em que vivem (Silva, 2006, p. 12).

Segundo Marandino *et. al.* (2009), o professor tem papel fundamental na realização da aula de campo, pois além de planejar toda a atividade, ele vai trabalhar como um mediador entre os conhecimentos existentes nos ambientes visitados e o estudante. Os autores ainda destacam que:

Efetuar o planejamento dessas viagens é passo fundamental para seu sucesso. Especial atenção deve ser dispensada à escolha dos locais, à seleção dos conteúdos e espaços a serem trabalhados, à construção dos discursos dos mediadores, às atividades desenvolvidas pelos alunos e às formas de registro e avaliação que vão ser propostas (Marandino, *et. al.*, 2009, p. 150).

O professor tem várias possibilidades de combinar a teoria com diversificadas estratégias de ensino, isso poderá ajudar no processo de aprendizagem do aluno. Trabalho prático, trabalho de laboratório e aulas de campo são as formas conhecidas, como expressam Fonseca e Caldeira (2008, p. 71):

Uma forma de realizar a apresentação de fenômenos naturais é utilizando, como recurso didático, aulas de campo em ambientes naturais principalmente aqueles que encontrados espacialmente próximos aos alunos por sua facilidade e pela possibilidade de os alunos possuírem experiência prévia com o ambiente objeto de estudo.

É importante, também, basear o ensino naquilo que o aluno já sabe, identificando os conceitos organizadores básicos dos conteúdos que serão transmitidos. Buscar a aprendizagem significativa deve ser o foco do processo educacional e adotar novas metodologias de ensino para alcançar esses objetivos é primordial no ambiente escolar (Moreira, 2006).

A pesquisa de campo é crucial para concluir um tópico, pois é através dela que a teoria se encontra com a realidade de maneira vívida e palpável. Estar presente, escutar as pessoas e observar o ambiente possibilita a observação de sutilezas e detalhes que não são visíveis em livros ou informações secundárias (Bonfim, 2010). Neste contato direto, frequentemente surgem respostas inesperadas, apresentando novos pontos de vista ou confirmando suposições com mais precisão. Esta imersão torna o trabalho mais humano e íntimo, acrescentando às conclusões uma verdade que só o contato direto com a realidade pode proporcionar.

Neste contexto, o TG pode contribuir para aulas de Geografia mais dinâmicas, ao promover o contato direto com a realidade estudada, instigando o senso crítico dos alunos e a consciência cidadã. As características geográficas locais são relevantes para o conteúdo didático, tornando-o contextual e significativo para a aprendizagem, informações sobre cultura local, acontecimentos históricos, elementos naturais que compõem os materiais. Assim, o TG visa não apenas aprofundar informações geográficas, mas proporcionar conscientização dos alunos sobre sua própria realidade, como iremos discorrer a seguir.

2.2 - RELEVÂNCIA DO TURISMO GEOEDUCACIONAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES

O TG é uma modalidade de turismo que combina a exploração de destinos geográficos com a promoção de atividades educativas (Oliveira, 2008). Esta abordagem visa proporcionar aos participantes uma experiência rica que os incentive a compreender aspectos relacionados com a geografia, cultura, história, ecologia e outros elementos específicos de um determinado lugar ao contrário do turismo convencional que tem como objetivo apenas o lazer.

Mais do que momentos de lazer ou fuga da rotina diária, as atividades extraclasse são oportunidades de transmitir informações acerca de diversos assuntos. Esse tipo de atividade propicia a formação de “[...] um conjunto importante de valores históricos e contemporâneos, na tentativa de induzir atitudes de conscientização, respeito e proteção por parte dos visitantes e dos visitados” (Milan, 2007, p. 14).

Segundo Bolfim (2009), em um mundo cada vez mais globalizado, a procura de experiências interessantes e educativas tem impulsionado o desenvolvimento do TG, que procura aliar o prazer de viajar com a aquisição de conhecimentos relevantes sobre geografia,

cultura, história, ecologia e outros aspectos característicos. Este estilo de turismo envolve uma imersão profunda e ativa nos locais visitados, incentivando os alunos (visitantes) a explorarem não só as atrações turísticas típicas, mas também a história e os costumes locais, o contexto geográfico, a biodiversidade e os desafios enfrentados pelas comunidades locais (Millan, 2007).

O TG exige que os viajantes assumam um papel mais ativo e responsável nas aulas de campo (viagens), procurando compreender o impacto das suas ações nos ambientes e culturas que exploram. Com isso, exploramos a natureza do TG, seus objetivos e benefícios, destacando como esta proposta metodológica afeta a forma como os alunos em campo vejam os conteúdos dados em sala e como aprendem sobre o mundo que os rodeia. Neste sentido,

Certos roteiros turísticos podem ser considerados como turismo educacional, pois são voltados para locais históricos, culturais ou científicos importantes, e muitas vezes são coordenados por um professor especializado. Ao contrário da simples visita a locais turísticos, os roteiros educacionais podem incluir livros, palestras e outros materiais complementares para criar uma experiência de aprendizagem mais formal (OMT, 2003 *apud* Milan, 2007, p. 26).

Desta forma, salientamos que o Turismo Geoeducativo não se pauta somente em proporcionar viagens e lazer, sendo uma ferramenta indispensável na construção do raciocínio e conhecimento geográfico dos discentes. Esta atividade propicia aos alunos contato direto e interação com os elementos do local visitado, além de contribuir na eficiência do processo de ensino- aprendizagem. Assim, o Turismo Geoeducativo enquanto proposta metodológica, permite aos estudantes uma prática de diálogo com os lugares, fazendo-os interagir com elementos atrativos e repulsivos, elementos que no turismo retórico não devem ou não podem ser observados (Oliveira, 2006).

O TG não se trata simplesmente de obter novas informações; ele também promove a conexão emocional com o ambiente. Essa associação ajuda a evitar a perda de conexão que ocorre em abordagens mais teóricas, onde o aprendizado é percebido como algo distante do mundo real. Por meio de sua participação nos lugares que são visitados, os participantes aumentam sua compreensão do valor da preservação desses espaços. Carvalho e Silva (2019, p. 60) afirmam que "[...] o envolvimento emocional com o meio geológico e cultural facilita o desenvolvimento de uma consciência ecológica, necessária para a preservação ambiental".

A utilização do TG enquanto metodologia de ensino em Geografia, proporciona aos indivíduos uma sensação de proteger, preservar e valorizar os bens patrimoniais, culturais e ambientais de forma prática, no próprio ambiente natural. Devido a esse fator, a possibilidade de ampliar o espaço do conhecimento para além das quatro paredes da sala de aula torna-se uma importante ferramenta para enriquecer o ato docente e dar significado ao aprendizado

(Cordeiro e Oliveira, 2011).

A proposta é criar uma parceria de sala de aula em campo para não só dar ênfase no conteúdo ofertado, mas também aproximar e permitir o conhecimento de alguns recintos que fazem parte da história e da cultura sapeense. Embora seja uma atividade extrassala, terá início e fim nela também em um processo de várias etapas assim descritas por Piza (1992, p. 05):

- a) Primeira etapa: nesta etapa ocorre a primeira fase do processo, que é uma preparação em classe pelos professores das diversas matérias, dentro de um plano integrado de ensino. É o momento do planejamento propriamente dito;
- b) Segunda etapa: nesta fase o aluno vai aos locais observar documentos, entrevistas, experimentar e vivenciar as situações aprendidas teoricamente. É o momento da prática procedimental que se formata numa excursão, visita técnica ou viagem;
- c) Terceira etapa: nesta terceira e última fase, de volta à classe, o aluno explorará os resultados por meio da apresentação de suas conclusões e isso pode ocorrer em forma de seminários, relatórios, áudio visuais, dramatizações, portfólios, ou seja, desenvolvendo seu crescimento intelectual e humano juntamente com sua criatividade. É o momento da avaliação.

Segundo Pelizzer (2005), este processo, ao levar o aluno a uma visão do mundo e de sociedade no tempo e no espaço, pode resultar em mudança de atitudes perante a vida, promovendo uma melhor adaptação do indivíduo consigo mesmo e com o meio em que vive. Esta atividade extraclasse, que implica numa viagem ou excursão, deve ser conduzida como um meio do qual se pode atingir as finalidades do processo. Consequentemente, os alunos poderão experienciar os assuntos aprendidos em sala de forma separada, de uma forma mais integrada melhorando assim a qualidade da listagem de conteúdos abordados.

Marcellino (1987) acredita na mútua influência que pode existir entre as áreas de educação e lazer como parte do processo educativo, destacando que não só a educação pode utilizar-se dos instrumentos de lazer, como também através da educação a escolha do lazer pode ser feita de forma mais positiva, crítica e menos alienante.

Para essas relações dá-se o nome de educação pelo lazer e educação para o lazer, respectivamente, buscando encontrar novos olhares que se interligam entre a sala de aula e os conhecimentos adquiridos fora dela. De acordo com Pontuschka (2004, p. 260):

[...] o meio é uma Geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partidas para uma reflexão. Em um primeiro momento, pode-se utilizar os referenciais vivos para localizá-los; no entanto, é preciso ir além. Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em Geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres. É preciso saber ver, saber dialogar com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre fatos verificados e o cotidiano do aluno.

Um dos principais benefícios do Turismo Geoeducacional é que ele ajuda na aprendizagem experiencial. As interações entre pares seguidas pelas atividades durante essas

experiências de TG criam espaço para discussão, trabalho em equipe, escuta e empatia. De acordo com Vieira (2005) considera-se importante, inserir o ensino nas práticas rotineiras dos estudantes e para isto deve-se contextualizar o ensino por meio de saídas da escola para a observação da natureza e do cotidiano da sociedade.

Ao visitar locais históricos, áreas naturais ou instituições culturais, os alunos têm a chance de vivenciar o conhecimento diretamente. Contribui para uma educação mais completa e significativa, conectando o conhecimento que foi descoberto dentro da sala de aula com o mundo fora dela. Portanto, as excursões no currículo da Paraíba não são apenas complementares, mas uma parte essencial da educação para formar cidadãos bem cientes do contexto social e ambiental em que estão vivendo e engajados com ele.

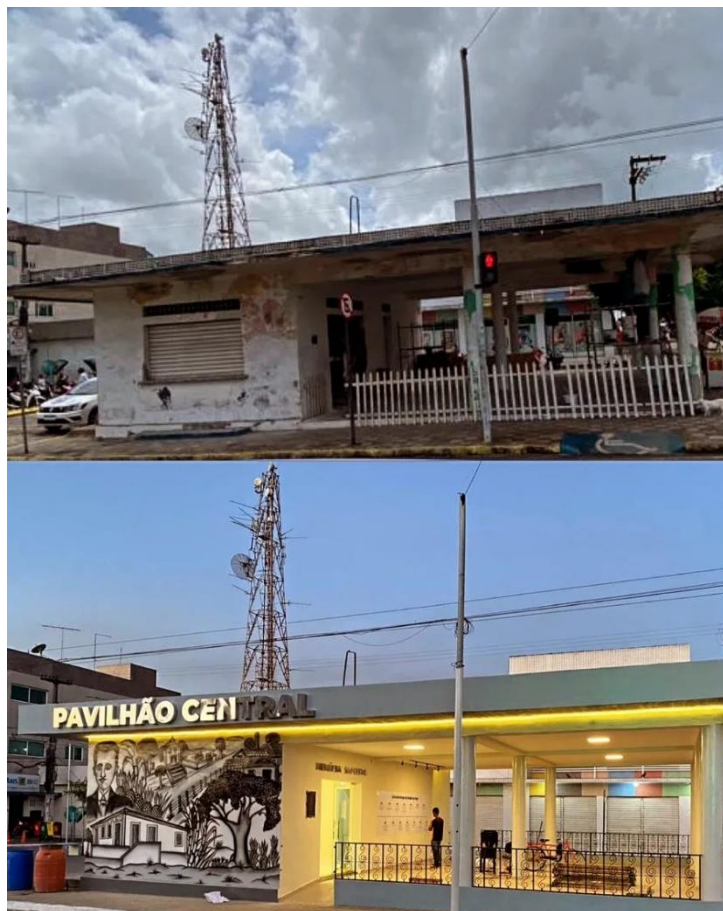
A integração de excursões e TG com cenários educacionais pode melhorar muito a experiência de aprendizagem em relação ao pertencimento. O contato direto do indivíduo com ambientes naturais e culturais permite não apenas a aquisição de conhecimento, mas também conexões emocionais tornando defensores do espaço e de suas tradições. De acordo com Pereira (2018) o contato direto com o ambiente natural reforça a percepção de pertencimento ao meio e desperta uma consciência ambiental mais profunda. Como resultado, as pessoas se tornam parte integrante dos locais visitados, proporcionando-lhes, portanto, processos de aprendizagem enriquecidos e energizados.

3 - PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO DO TURISMO GEOEDUCATIVO EM AMBIENTE ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE SAPÉ – PB

3.1 - PROMOVENDO A CONEXÃO ENTRE ALUNOS E TERRITÓRIO

O TG permite o diálogo entre alunos e os lugares visitados, fazendo-os interagir com atrativos e elementos repulsivos (aqueles elementos que no turismo tradicional não devem ou não podem ser observados). Em Sapé-PB não seria diferente, uma vez que o município se diversifica em ambientes rurais e urbanos, e que se é precipitável esse contraste de forma evidente em alguns pontos da cidade. Além de existir pontos que poderiam encaixar em roteiros de TG que aguçam esse elo entre os alunos e o lugar, um exemplo disso é o Pavilhão Central de Sapé (Figura 4) que sofreu modificações recente.

Figura 4: Pavilhão Central antes e pós-reforma.



Fonte: Sapé de Outrora (2023).

O Pavilhão atualmente é uma espécie de museu que conta sobre a história da cidade e pontos que podem ser visitados através de uma linha do tempo (Figura 5), mas foi construído, inicialmente, com o propósito de oferecer um local de encontro e convívio para os moradores.

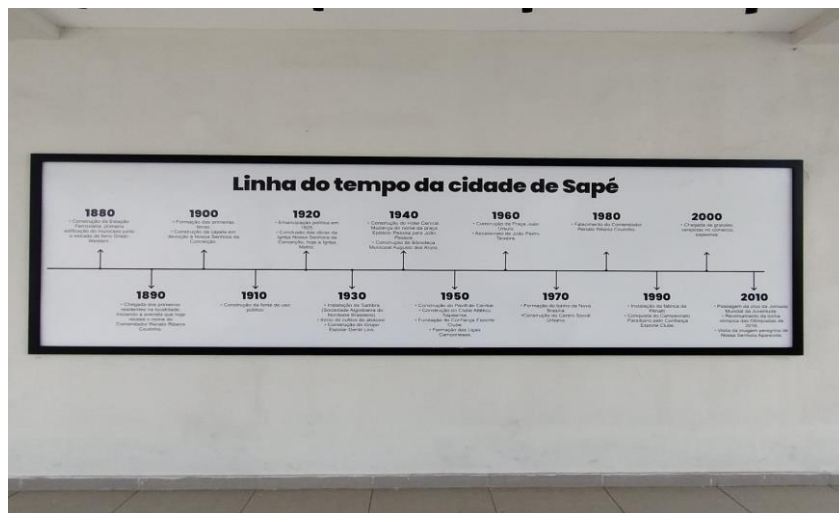
Figura 5: Exposição de relatos importantes da cidade.



Fonte: Prefeitura de Sapé - PB (2023).

Na parte externa do Pavilhão se encontra uma linha do tempo (que vai desde 1880 quando surgiu a construção da ferrovia até 2010) que conta fatos históricos do surgimento da cidade (Figura 6), como a passagem da Tocha Olímpica e a imagem peregrina de Nossa Senhora Aparecida.

Figura 6: Linha do tempo.



Fonte: Arquivo de Pesquisa (2024).

Ao longo do tempo, esse espaço tornou-se um emblema, um espaço de identidade que representa a tradição e a cultura no qual muitas gerações passaram pelo Pavilhão, que servia como cenário para momentos de celebração, festividades populares e apresentações culturais. Festas juninas, celebrações cívicas e procissões religiosas passaram por lá ao longo do tempo e, por sua vez, ajudaram a se solidificar como uma referência para a população.

Mesmo hoje em dia, com novas formas de lazer e espaços culturais se desenvolvendo, o Pavilhão Central de Sapé carrega uma importância simbólica para os moradores, sendo uma parte inseparável da memória e do patrimônio histórico da cidade. Poderíamos pensar em associá-lo ao TG, utilizando como ponto de partida para a ocupação do espaço local, formações de ruas, avenidas, mercado popular (feira da cidade) e praças derivam do pavilhão, e como o espaço central contribuiu para o desenvolvimento social da cidade.

Neste estudo, um conjunto de iniciativas é encaminhado para explorar características geográficas e culturais de Sapé, permitindo o engajamento significativo dos alunos com o ambiente em que vivem. De tal forma que, por meio de experiências em primeira mão em caminhadas ecológicas e visitas a propriedades rurais e participação em festivais locais, eles começam a apreciar a necessidade de conservação dos recursos naturais e valorizar o

patrimônio cultural local. Por meio das atividades propostas, os alunos encontrarão consciência crítica com o assunto adquirindo conhecimento sobre geografia e história de Sapé; os alunos questionarão se o ambiente está sendo preservado e a cultura local está sendo apreciada.

A seguir estão as atividades que compõem a proposta metodológica de Turismo Geoeducativo, apresentadas por sua relevância para a educação dos alunos e o fortalecimento da identidade local:

1. Sugerimos caminhadas por trilhas como a da Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Pacatuba, onde os alunos podem aprender a descrever a paisagem e a vegetação, as características naturais do local, e aprender sobre preservação do meio ambiente. Essa atividade pode ser modificada para se adequar a variados níveis de aprendizado e interesses particulares dos estudantes, abordando tópicos como biodiversidade e preservação.
2. Propomos visitas a fazendas/sítios locais, a horta localizada no bairro da Agrovila, próximo ao centro da cidade ou visita a horta comunitária chamada “Hortas para a Liberdade” que é um projeto de cultivo de hortaliças dentro do Presídio Regional de Sapé, onde os alunos poderão conhecer atividades de cultivo, com ênfase na agricultura familiar e práticas sustentáveis que ampara o meio ambiente. Essa proposta pode ser adaptada para abordar temas específicos, como o impacto ambiental da agricultura e o papel da agricultura familiar na comunidade.
3. Como sugestão ainda os alunos podem se envolver em uma atividade de mapeamento desenhando ou usando ferramentas digitais para dar vida a um mapa de Sapé. Eles podem destacar os marcos, áreas naturais e locais históricos no mapa para mostrar o quão entendem a organização espacial da cidade, ou construir um croqui derivado da aula de campo, mostrando todo o trajeto até o local visitado. Os professores podem ajustar a atividade conforme a faixa etária e o nível de conhecimento dos alunos sobre cartografia e representação gráfica.
4. Recomendamos visitas à igrejas, praças, memoriais, museus, ruínas e casarões onde os alunos possam aprender a importância histórica e cultural da cidade. Outras informações podem dizer respeito a personalidades locais, por exemplo, o poeta Augusto dos Anjos, Ligas Camponesas e o Coronel Gentil Lins que possuiu grande poder político e econômico na região. Como sugestão de atividade, os estudantes

podem desenvolver um mapa de Sapé, seja por meio de desenho ou uso de ferramentas digitais, realçando pontos significativos, regiões naturais e pontos históricos.

5. Como parte dessas atividades, sugerimos que os estudantes utilizem um diário de campo para anotar observações sobre geografia, história, personalidades locais, flora e fauna, bem como pensamentos pessoais. Isso ajudará a desenvolver habilidades de observação e registro científico. E depois podem ser expostos em atividades expositivas para fixar melhor a aprendizagem. O uso do diário pode ser adaptado para desenvolver habilidades de observação e registro, de acordo com os objetivos do professor.

3.2 - EXPERIÊNCIA DE TURISMO GEOEDUCATIVO EM SAPÉ-PB

Para propor um roteiro de TG no município de Sapé – PB, realizamos uma prática de campo no dia 28/10/2024, em parceria com a E.E.E.F.M. Gentil Lins, junto ao professor Rômulo Luiz Panta e sua turma da 3ª série D no Ensino Médio. O roteiro contemplou a visita ao Memorial das Ligas Camponesas e o Memorial Augusto dos Anjos, sendo o trajeto para visita ao primeiro memorial realizado caminhando, uma vez que o mesmo se localiza cerca de 11 minutos da escola.

A aula de campo realizada nos Memoriais Ligas e Lutas Camponesas e Augusto dos Anjos teve como propósito investigar e compreender as raízes culturais e históricas presentes nos movimentos sociais brasileiros e na literatura. Ambos os memoriais estão localizados em Sapé-PB e emergem os seus visitantes na trajetória de resistência dos trabalhadores rurais liderados pelas Ligas Camponesas, bem como na obra e vida do poeta Augusto dos Anjos. Essa vivência possibilitou aos estudantes não só uma interação direta com o patrimônio histórico e cultural, mas também uma reflexão acerca dos impactos desses indivíduos e movimentos sociais na sociedade.

O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (Figura 7) é um importante marco na luta agrária no Brasil. Lá conseguimos conhecer a história de resistência e organização dos trabalhadores do campo que, nas décadas de 1950 e 1960, lutaram para assegurar seus direitos e combater a exploração.

Figura 7: Memorial das Ligas e Lutas Camponesas em Sapé - PB



Fonte: Acervo de Pesquisa (2024).

O condutor do memorial relatou histórias de líderes como João Pedro Teixeira, que se transformaram em emblemas da resistência no campo. A visita ao local despertou reflexões acerca do efeito desses movimentos na reforma agrária e nos direitos dos trabalhadores até os dias atuais. Ao longo da visita os alunos puderam adentrar a casa (Figura 8) da família do líder do movimento João Pedro Teixeira, a casa que sofre com as condições do tempo e mesmo assim se encontra aberta para visitação.

Figura 8: Interior do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas



Fonte: Acervo de Pesquisa (2024).

Nas paredes e no centro da casa se encontram expositores que retratam um pouco da vivência e luta atemporal dos camponeses em Sapé-PB. Alguns deles mostram fotos de alguns camponeses que moram na região e que alimentam a cultura e as tradições do campo como mostra a Figura 9.

Figura 9: Expositor de Parede



Fonte: Acervo de pesquisa (2024).

Seguindo adiante, a visita finaliza com a exposição de um vídeo (Figura 10), que apresenta um pouco mais sobre as memórias registradas da época e alguns marcos. Durante a exposição o guia mostra um dos atos realizados no Coreto a frente da Escola Gentil Lins, onde os alunos conseguiram identificar com facilidade esse espaço.

Figura 10: Exposição do Vídeo



Fonte: Acervo de Pesquisa (2024).

Em seguida nos deslocamos até o segundo ponto do roteiro, o Memorial Augusto dos Anjos, localizado na zona rural da cidade, conhecida como Usina Santa Helena, distante a cerca de 17 minutos da escola. O Memorial Augusto dos Anjos (Figura 11), como seu próprio nome já diz, foi criado para preservar a memória do poeta, professor, advogado, defensor da natureza e um grande estudioso. Ao entrar no memorial tivemos o prazer de conhecer de forma mais profunda sobre sua única obra e sua vida.

Figura 11: Memorial Augusto dos Anjos



Fonte: Acervo de pesquisa (2024).

Por meio das apresentações realizadas pelo guia (Figura 12) e seu conhecimento, conseguimos sentir um Augusto dos Anjos vivo, que é o lema do Memorial. Foi também possível entender melhor o contexto psicológico e social que teve influência direta nas poesias do poeta, marcada pela reflexão sobre as condições humanas e caracterizada pelo seu realismo.

Figura 12: Apresentação do Guia sobre Augusto dos Anjos



Fonte: Acervo de Pesquisa (2024).

O contato com objetos pessoais, escritos e documentos do poeta, expandiu a percepção acerca de sua relevância e seu impacto na literatura brasileira. Estes artefatos enfatizam o sentimento de pertença e elo com o lugar onde ele nasceu e cresceu, sua saudade, seu desejo de voltar para casa e seu apego ao pé de tamarindo.

A vivência nesses memoriais foi fundamental para entender a conexão entre cultura, história e espaço. Embora a poesia de Augusto dos Anjos retrate a angústia existencial e os dilemas humanos de maneira literária, a história das Ligas Camponesas evidencia a batalha real por direitos fundamentais e justiça social. Apesar de abordarem temas diferentes, os dois memoriais nos levam a uma reflexão sobre a condição humana, seja através da arte ou da batalha social.

A visita a esses memoriais é uma vivência intensa e transformadora que expande a compreensão sobre a importância da cultura e da história no cenário social do Brasil. Ao explorar a vida e a obra do poeta no Memorial Augusto dos Anjos, podemos ponderar sobre a habilidade da literatura de ultrapassar o tempo, explorando emoções universais como angústia e reflexão existencial. Este contato direto com a obra do poeta e seus escritos possibilitou uma compreensão mais aprofundada de como a literatura é um instrumento potente para expressar a condição humana, enquanto estabelece conexões entre o passado e o presente.

Em contrapartida, o Memorial das Ligas Camponesas destacou a importância da luta social como um ponto de referência na história e na resistência rural brasileira. A trajetória de líderes como João Pedro Teixeira, que batalharam por justiça social e direitos, destacou a relevância do comprometimento coletivo e a capacidade de resistência dos trabalhadores do campo. Esta interação com o passado dos movimentos sociais aprofundou a compreensão de que os avanços atuais nos direitos dos trabalhadores são resultado de décadas de luta e dedicação.

Portanto, esta proposta de roteiro a partir do TGA aos Memoriais em tela, oportunizou não somente conhecimentos acadêmicos, mas também um profundo entendimento da importância da cultura e dos movimentos sociais na formação da identidade e dos direitos do Brasil. É crucial preservar e compreender essa história para compreender o presente e apreciar as vitórias que formaram nossa sociedade.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo Geoescolar se caracteriza como uma estratégia metodológica em potencial para a Educação Geográfica, particularmente quando implementado no âmbito do local, neste caso específico, em Sapé-PB. Unindo teoria e prática, o TG possibilita que os estudantes deixem o ambiente escolar para explorar e experimentar o ambiente que os cerca. Eles começam a enxergar o local onde residem não somente como um ponto no mapa, mas como espacialidade de sua história e identidade, estabelecendo conexões com o que antes parecia distante e abstrato. Portanto, essa vivência auxilia na compreensão mais profunda da realidade geográfica, histórica e cultural local.

Ao ter contato direto com o patrimônio ambiental e cultural de sua cidade, os estudantes reforçam os vínculos de respeito e apreciação pelo local onde residem, desenvolvendo um compromisso com a conservação do meio ambiente e da cultura local. Esta prática favorece uma educação que não apenas educa sobre o mundo, mas também sobre a responsabilidade individual.

O TG também se sobressai como proposta interdisciplinar, no nosso caso em especial, articulando Geografia, História e Meio Ambiente, proporcionando um aprendizado que liga os temas de maneira prática e relevante. Assim, os estudantes aprimoram sua visão crítica, aprendem a ver o ambiente em que residem sob um novo ponto de vista e adquirem um entendimento mais aprofundado sobre a sociedade e o meio ambiente. Esta abordagem auxilia no desenvolvimento de jovens mais conscientes e envolvidos, aptos a zelar pelo mundo que os cerca.

Portanto, o Turismo Geoeducativo se estabelece como uma prática que enriquece e humaniza, convertendo experiência em conhecimento e gerando lembranças que perduram além das fronteiras escolares. Trata-se de uma abordagem metodológica no ensino de Geografia que valoriza a realidade dos alunos, estimulando-os a ver sua cidade, sua cultura e ambiente sob uma nova perspectiva. Em última análise, o TG não se limita a aprender algo novo, mas também a estabelecer uma conexão mais profunda e consciente com o local que cada estudante pode designar como seu "lar".

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Boletim Paulista de Geografia: trajetórias de campo**. São Paulo: AGB, 2011. Edição nº 91. Disponível em: [*BPG 91 - Trajetórias de Campo.pdf](#). Acesso em: 13 set. 2024.

BRASIL, **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 04 out. 2024.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**. v. 12, n.1, p. 114 – 129, jan/abr. 2010. Disponível em: <http://www.univali.br/revistaturismo>. Acesso em: 13 set. 2024.

CARVALHO, J. D.; SILVA, M. P. A importância da consciência ecológica em práticas de turismo geoeducativo. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 14, n. 2, p. 55-72, 2019.

CASARÃO DO CORONEL GENTIL LINS. *Google Maps*. Disponível em: https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipPge2B8HeSP1COA_QGEgH3orZ1p2Wi2-Sx0-Mhz=s680-w680-h510. Acesso em: 26 nov. 2024.

CLAVAL, Paulo. *História da geografia*. São Paulo: Edusp, 1998.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/ago. 2011.

ENGENHO BOA VISTA, ATUAL FAZENDA BOA VISTA. *Google Maps*. Disponível em: <https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipP75-eDreLPqImfz1MFOUdbqHfEYItNQKH-q4du=s680-w680-h510>. Acesso em: 26 nov. 2024.

FERNANDES, Emanuelle Jessica Oliveira et.al. Mapeamento cognitivo da Arte- **Patrimônio no Turismo Geoeducativo**. Fortaleza – CE, 2020. Disponível em: <<https://leges.ufc.br/wpcontent/uploads/2020/12/revista-arte-patrimOnio-e-turismo-geoeducativo-v.2-1.pdf> >. Acesso em 26 nov. 2024.

FIORIN, J. L. **Geografia escolar e ensino de geografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, G.; CALDEIRA, A. M. A. Uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem de ecologia em aulas práticas e a construção de sociedades sustentáveis. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 3, p. 70-92, set./dez. 2008.

HUMBOLDT, A. **Cosmos: ensaio de uma descrição física do mundo**. São Paulo: Edusp, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades: Sapé Paraíba – PB**, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/sape.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

LIMA, Wesley Bezerra de. **Ensino de Geografia e Turismo Geoeducativo**: proposição de um roteiro para o Polo Turístico Serras do Agreste Potiguar. 62 f. Monografia [Graduação em Geografia] – Universidade Estadual da Paraíba: Guarabira, 2023.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MILAN, P. L. **Viajar para aprender**: turismo pedagógico na região dos Campos Gerais - PR. 2007. 125 p. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2007. Disponível em: https://www6.univali.br/tede/tde_arquivos/2/tde-2007-09-12t064409z-242/publico/priscila%20loro%20milan.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

OLIVEIRA, C. D. M. de; ASSIS, R. J. S. de. **Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula**. Educação e Pesquisa, v. 35, n. 1, p. 195-209, abr. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022009000100013>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PELIZZER, H. Â. **Turismo e educação**: um processo informal de ensino e aprendizagem. São Paulo: Manole, 2003.

PEREIRA, F. T. O papel do turismo geoeducativo na formação da consciência ambiental. **Anais do Congresso Brasileiro de Geografia**, v. 32, p. 102-112, 2018.

PIZA, D. de T. **Estudo do meio como processo pedagógico**. Revista Turismo em Análise, São Paulo: ECA-USP, v. 3, n. 1, p. 72, maio 1992.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo de meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 249-288.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SAPÉ. Imagem publicada na página oficial da Prefeitura Municipal de Sapé. 2023. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=657115983247383&set=pcb.657116086580706>.

Acesso em: 29 out. 2024.

RPPN FAZENDA PACATUBA. *Google Maps*. Disponível em:

https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipMeoHaCLerRCRbULmf36an6_31eBZnnsMH0hfQU=s680-w680-h510. Acesso em: 26 nov. 2024.

SAPÉ DE OUTRORA. Imagem publicada na página "Sapé de outrora". 2023. Disponível em:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=823325436463734&set=a.475563321239949&type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 29 out. 2024.

SERAFIM, Lubiane Dias do Nascimento. *Turismo, Geografia e a Educação Turística: o caso de uma escola básica em Nova Iguaçu, RJ*. 2020. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2020.

SERPA, Ângelo et al. **O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica**. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 84, p. 7-24, jul. 2006. Disponível em: [*BPG 84 Trabalho de Campo.pdf](#). Acesso em: 18 out. 2024.

VIDAL DE LA BLACHE, P. **Princípios de geografia humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, V. S. *Análise de espaços não formais e sua contribuição para o ensino de ciências*. 2005. **Tese (Doutorado em Bioquímica Médica)** - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.